

FAETERJ Petrópolis

Bárbara Hansen de Vasconcelos

Fichamento
Marco Gonsales
Uberização, Trabalho Digital Indústria 4.0

Petrópolis,RJ
2023

“A Indústria 4.0, termo cunhado pelo governo alemão, ou a Quarta Revolução Industrial, expressão utilizada pelos participantes do último Fórum Econômico Mundial de Davos, constitui um conjunto de tecnologias inovadoras, como a nanotecnologia, as plataformas digitais, a inteligência artificial (IA), a robótica, a internet das coisas, entre outras, que representam um salto de qualidade na capacidade de organizar e de controlar o trabalho.” (p.125)

“O que determina, de fato, a nova capacidade produtivas das empresas plataformas é a própria plataforma, que amplia a capacidade de organização e controle sobre o trabalho e permite ao capitalista maior apropriação tanto do mais-valor absoluto quanto do relativo.” (p.126)

“(…) sob a lógica algorítmica, as plataformas ampliam a capacidade de controle. São burocracias digitais que, além de “determinar” as regras, também as executam.” (p.126)

“Portanto, por meio das plataformas, as atividades e o comportamento de trabalhadores e trabalhadoras são minuciosamente monitorados e avaliados, e amplia-se o pagamento vinculado exclusivamente à produtividade, não ao tempo de trabalho.” (p.126)

“No Brasil, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizada no primeiro trimestre de 2019, estima que 3,8 milhões de pessoas têm o trabalho mediado por plataformas, principalmente trabalhadores e trabalhadoras das empresas de transporte particular por aplicativo e de entregas de alimentos e produtos em geral.” (p.127)

“(…) é o mercado que se apropria, em grande escala, das novas tecnologias da informação e comunicação, representadas nas plataformas digitais - um ambiente digital, de lógica algorítmica, de grande capacidade de armazenamento e processamento de dados - e promove mudanças significativas, principalmente no mundo do trabalho.” (p.128)

“As forças produtivas disponíveis já não mais favorecem as condições da propriedade burguesa; ao contrário, tornaram-se poderosas demais para essas condições que as entravam; e, quando superam esses entraves, desorganizam toda a sociedade ameaçando a existência da propriedade burguesa.” (p.128)

“Portanto, taylorismo, fordismo, toyotismo e plataformização ou uberização representam etapas de superação da crise de acumulação do capital, em que a ciência, transformada em tecnologia, torna-se uma indispensável ferramenta.” (p.129)

“A dimensão da especialização/qualificação é importante, pois aqueles e aquelas que a possuem estão potencialmente em posições privilegiadas dentro da apropriação das relações de exploração e, portanto, desfrutam níveis substanciais de autonomia na venda do seu tempo de trabalho.” (p.129)

“(…) qualquer pessoa com acesso à internet pode se cadastrar, fazer parte de uma linha de produção digital global, realizar microtrabalhos remunerados, subprodutos da “informação”, em grande parte voltados para a produção de inteligência artificial brilhantemente caracterizado como trabalho fantasma por “Mary Gray”. ” (p.130)

“Os microtrabalhos digitais ofertados por essas empresas para a produção de IA evidenciam que, no capitalismo, a automação nunca será completa e sempre necessitará do trabalho das pessoas.” (p.130)

“O segundo grupo faz referência às empresas plataformas de macrotrabalho não presencial, como Upwork, Fiverr, Guru, PeoplePerHour e Freelancer.com que facilitam a reunião de trabalhadores e trabalhadoras de qualificação especializada, tradicionalmente conhecidos como freelancers, de atuação local e global como designers gráficos, consultores, (...) ” (p.130)

“O terceiro grupo de empresas plataformas refere-se àquelas que controlam organizam trabalhadores e trabalhadoras locais, tais como motoristas, eletricitas, seguranças, faxineiros, entre tantos outros; alguns exemplos são Uber, Cabify; Glo necessidade da presença física do trabalhador ou trabalhadora.” (p.130)

“O quarto grupo inclui empresas plataformas de trabalho qualificado presencial, como Nomad Health.” (p.130)

“O quinto grupo refere-se às empresas que não fazem parte especificamente da economia de plataforma. São organizações que não utilizam trabalhadores por demanda necessariamente, mas

fazem uso das plataformas digitais para organizar e controlar trabalhadores contratados (efetivos).”
(p.131)

“O sexto grupo é composto por empresas plataformas em que predomina o trabalho de consumo digital realizado pelos prosumidores, usuários proativos. Consideramos as atividades realizadas por esses usuários em plataformas como Facebook, Google, TripAdvisor e YouTube (quando não remunerado) como trabalho digital de consumo não remunerado, em que não se estabelece uma relação capital-trabalho, não há coação e tampouco são oferecidas condições de subsistência ao trabalhador e à trabalhadora.” **(p.131)**

“(…) no sétimo grupo, as empresas plataformas que auxiliam a intermediação entre pessoas que objetivam alugar, vender ou comprar produtos pessoais, tais como Airbnb, eBay, Mercado Livre, Zipcar e Zazcar. Não existe relação capital-trabalho, apenas relações comerciais, como grandes classificados digitais que facilitam o encontro de locadores e locatários ou compradores vendedores.” **(p.132)**

“Em suma, entendemos que as empresas dos cinco primeiros grupos produzem e reproduzem trabalho produtivo, estabelecendo uma relação capital-trabalho antagônica: desfavorável ao trabalhador, mas capaz de lhe conceder renda para a subsistência e produzir valor para o capital.”
(p.132)

“As empresas dos grupos seis e sete, como Facebook, eBay, TripAdvisor etc., se beneficiam da tecnologia, principalmente ao ampliar a utilização do prosumidor, o consumidor proativo, mas o trabalho deste, por não ser remunerado, tampouco pode ser considerado trabalho produtivo, já que não produz valor direto para o capital.” **(p.132)**

“Mesmo não se estabelecendo uma relação capital-trabalho as empresas plataformas, ao promover e ampliar o uso do prosumidor, promovem a desvalorização do valor do trabalho.” **(p.132)**

“Há um fator determinante e pouco mencionado na produção do consentimento dos trabalhadores e trabalhadoras intermediados por plataformas: a ausência do processo de seleção. Para ser um “parceiro” dessas empresas, não há necessidade de processo seletivo.” **(p.133)**

“(…) as mesmas tecnologias que ampliam a capacidade de controle e organização do trabalho pelas empresas plataformas e que isolam os trabalhadores e trabalhadoras em seus computadores, carros, motos e celulares também os capacitam com novas ferramentas para romper o isolamento característico do setor e organizar a classe. Se outrora o trabalho, seu controle, sua organização e a resistência organizada aconteciam predominantemente nas fábricas e em suas proximidades, agora trabalhadores e trabalhadoras também se beneficiam das novas tecnologias dos ambientes digitais para se comunicar e se organizar.” **(p.134)**

“(…) em menos de um mês após o decreto de isolamento social emitido pelo governador do estado de São Paulo, na segunda-feira, dia 20 de abril de 2020, entregadores e entregadoras paulistanos realizaram um grande buzinaço por importantes avenidas da cidade, reivindicando melhor remuneração e a distribuição de equipamentos de proteção individual para tempos de pandemia por parte das empresas.” **(p.135)**

“(…) entregadores e entregadoras por aplicativos promoveram a primeira greve nacional do setor. Além de ter sido o primeiro movimento paredista nacional, foi também a primeira participação da categoria em uma manifestação de dimensão internacional.” **(p.135)**

“As revoluções industriais estão imbricadas à dinâmica capitalista, pois representam marcos no desenvolvimento de suas forças produtivas. São períodos históricos em que o desenvolvimento tecnológico culmina em saltos qualitativos na capacidade produtiva e na organização do trabalho.”
(p.136)

“A novidade está no fato de que, assim como as principais empresas plataformas são organizações globais que se beneficiam das novas tecnologias para gerir multidões dispersas pelo mundo, seus trabalhadores e trabalhadoras, também capacitados pela popularização de tecnologias similares, se identificam, se comunicam, partilham sentidos e se articulam em dimensões internacionais.”
(p.137)